

SUMÁRIO

Apresentação 7

Indizível, ininteligível e imperceptível: o sujeito contemporâneo e seus arquivos

Bethania Mariani, Carla Barbosa Moreira, Juciele Pereira Dias e Maurício Beck

INDIZÍVEL

Uma alegria indizível 15

Ana Paula El-Jaick

(In)dizível, in(dizível), in(visível): linguística, análise de discurso, psicanálise 31

Bethania Mariani

O cálice indizível e a demanda nas vozes das ruas-redes sociais 49

Juciele Pereira Dias

O que se pode dizer do indizível? 71

Lauro José Siqueira Baldini

ININTELIGÍVEL

O ininteligível ou sobre o (im)possível nas aulas de língua portuguesa 83

Carla Barbosa Moreira

Pelo território de Ártemis: do inteligível nas fronteiras difusas do mesmo e do outro 101

José Simão da Silva Sobrinho

Enunciar o ininteligível 123
Luíz Francisco Dias

Que língua é essa? Incertezas e indefinições na delimitação das línguas 141
Xoán Carlos Lagares

IMPERCEPTÍVEL

Cinema, memória e favelas: uma pedagogia da realidade em dois momentos 159
Lucia M. A. Ferreira

Imagem-tempo e o espectro do irrealizado: o descortinar do imperceptível 175
Maurício Beck

Fazer jornalismo, fazer história?
Os 45 anos de “Vêja”, o discurso jornalístico, o (im)perceptível 189
Silmara Dela Silva

O significante em metáfora no movimento metonímico da falta 203
Suzy Lagazzi

Sobre os autores 215

APRESENTAÇÃO

INDIZÍVEL, ININTELIGÍVEL E IMPERCEPTÍVEL: O SUJEITO CONTEMPORÂNEO E SEUS ARQUIVOS

Bethania Mariani

Carla Barbosa Moreira

Juciele Pereira Dias

Maurício Beck

A proposta de publicação deste livro constitui-se a partir da realização de uma Jornada do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) que debateu temas de interesse do LAS e de projetos de seus então pós-doutorandos Juciele Pereira Dias (UFF/PNPD-Capes), Carla Barbosa Moreira (UFF/PNPD-Capes) e Maurício Beck (UFF/Faperj), todos sob supervisão de Bethania Mariani. Atualmente, Carla Barbosa Moreira, após concurso público, é docente do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, e Maurício Beck, também após seleção pública, tornou-se professor visitante na Universidade Federal de Santa Cruz, na Bahia. O objetivo da jornada foi propiciar um espaço de interlocução com professores de outras instituições que desenvolvem pesquisas em diferentes teorias de linguagem relacionadas à temática *do indizível, do ininteligível e do imperceptível*. Participaram desta interlocução pesquisadores das seguintes universidades públicas: Luiz Francisco Dias, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); José Simão da Silva Sobrinho,

da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Ana Paula El-Jaick, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Lúcia Ferreira, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e, também, Suzy Lagazzi e Lauro Baldini, ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O evento, realizado em 3 de dezembro de 2013, contou ainda com a participação da professora Silmara Dela Silva, integrante do LAS, e com o professor Xoán Lagares, ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF.

O tema abordado na jornada teve como escopo de reflexão o quadro teórico da Análise de Discurso Francesa em interface com a História das Ideias Linguísticas, a Teoria da Enunciação, a Filosofia da Linguagem, a Sociolinguística e a Psicanálise Lacaniana.

A partir da consolidação do aporte teórico das quatro áreas citadas, os pesquisadores, com a sugestiva proposta de discussão sobre *o Indizível, o Ininteligível e o Imperceptível*, incitaram questionamentos voltados para as posições do sujeito no contemporâneo, partindo das discursividades que os representam e os diferentes modos como eles se representam, se significam. Nesse sentido, tomam o real como espaço de desestabilização da(s) língua(s), da história e do sujeito. Real como registro do impossível no campo da linguagem, da percepção e da compreensão – (in)dizível, (im)perceptível e (in)inteligível –, sempre em tensão com a produção de sentidos que vão constituir – e se constituir pelas – zonas de memória.

A primeira seção, sob a temática do “Indizível”, tem como objetivo construir um espaço de discussão sobre a língua e os arquivos do sujeito na contemporaneidade, voltando-se para a questão do Real da língua, daquilo que escapa à certa ordem do dizível, trazendo à baila a questão do equívoco, dos trocadilhos, dos lapsos. Busca-se, deste modo, compreender o processo de produção de sentidos em relação a diferentes materialidades significantes, problematizando possíveis pontos em que a língua atinge a história (Gadet; Pêcheux, 2010). Em *Uma alegria indizível*, Ana Paula El-Jaick (UFJF) analisa o discurso do deputado federal Marco Feliciano, do Partido Social Cris-

tão (PSC), tomando como premissa que o modo como alguns pastores discutem matérias legislativas – quer seja, ancorados na Bíblia – desloca-as para um terreno sagrado e, portanto, do indizível. De acordo com El-Jaick, a conotação assim atribuída a estas matérias, em detrimento de qualquer outra possibilidade de compreensão decorrente de um debate racional, resvala no título de que se apropria para seu texto, já que o texto em análise se refere a uma alegria (indizível) reservada por Deus aos que exaltam e são de Cristo. Argumentando a partir do filósofo Wittgenstein – que buscava compreender a relação entre linguagem e realidade –, a autora realça o aspecto conceitual do indizível. Se há o indizível, o incompreensível, o imperceptível, é porque uma certa gramática de uso assim os (des)legitimou da ordem do que pode ser dito ou de fazer (outro) sentido. Em *(In)dizível, in(dizível), in(vistível): linguística, análise de discurso, psicanálise*, Bethania Mariani (UFF) desenvolve uma articulação possível e não conciliável sobre a noção de Indizível em teorizações de autores dos campos de saber da Análise de Discurso, da Linguística e da Psicanálise. Partindo de leituras de Michel Pêcheux (1990 [1983]) sobre o real da língua e de Eni Orlandi (1988) sobre o silêncio constitutivo no campo da Análise de Discurso; da leitura de Ducrot sobre a questão do indizível no campo da Linguística; e de uma leitura das pontuações de Lacan sobre a *lalangue* no campo da Psicanálise, Bethania recorta a noção de sujeito tanto em uma perspectiva discursiva quanto em uma perspectiva da Psicanálise e questiona sobre o que se pode dizer de aspectos da constituição do sujeito no campo da fala e da linguagem, bem como no campo do olhar. Na sequência, Juciele Dias propõe uma leitura sobre os efeitos de sentido produzidos pelos “dizeres musicalizados” “Afasta de mim esse cale-se” e “Afaste de mim esse cale-se”, discursivizados no espaço digital, na rede de compartilhamentos YouTube, nas manifestações do ano de 2013. Juciele (PNPD-Capes) abre *O cálice indizível e a demanda nas vozes das ruas-redes sociais* colocando em cena o “acontecimento trágico” na boate “Kiss” em janeiro do mesmo ano e problematiza a questão dos jovens em situação de confronto com as políticas públicas do silêncio no espaço urbano brasileiro. Encerrando essa seção temática do Indizível, em *O que se pode dizer do indizi-*

vel, Lauro Baldini (Unicamp) oferta ao leitor um contundente percurso reflexivo, com múltiplas entradas, no qual aborda o indizível por meio daquilo que o bordeja na escrita. Ou, nas palavras do autor, o nada, é o que se pode dizer do indizível, uma vez que este somente se deixa ler: na tristeza que enuncia não ter nada a dizer; no amor, como suplência da relação sexual impossível, ou na outra coisa, no que está para além, no que o amante não sabe enunciar, mas deseja que se escute; no real, como proscrito de toda escrita; na poesia que nos assola e nos delicia de modo a levar o indizível a nos tocar; no dizer sem saídas dos melancólicos abismados diante da totalidade do nada. Em seguida, na busca de circunscrever isso, que falha em ser dito, Baldini avança no terreno da arte, a morada de indizíveis. E lá apresenta ao leitor os programas de Joyce, em sua exuberância literária, e de Beckett, que escolheu a via da pauperização da linguagem, cavando buracos nela com vistas a dar melhor contorno ao que lhe escapa.

Na seção temática do “Ininteligível”, contemplam-se os diferentes modos como, na/pela língua, comparece o impossível de ser lido/compreendido de determinada maneira, postas as relações de força, as tensões, no processo de institucionalização da relação do Estado com a língua na contemporaneidade. Pretende-se, ressaltando-se a produção e a circulação de saberes sobre a língua, as políticas linguísticas e as políticas de língua, dar visibilidade a pesquisas voltadas para o que escapa, para a língua fluida, para os equívocos, as falhas. Assim, Carla Barbosa Moreira (Cefet-MG) realizou palestras em duas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro e pôde discutir com os professores o modo como o ensino da disciplina de Língua Portuguesa é atravessado por diferentes representações de língua e por discursos acerca da relação professor-língua-Estado-aluno, a qual demanda sentidos. Da análise de discurso destes professores, a autora concluiu que essa prática discursiva – ensinar a disciplina – produz e faz circular saberes e imaginários sobre a língua, sobre os instrumentos linguísticos, sobre si e sobre os alunos. Em seus discursos foram materializadas angústias e tensões de sujeitos – professor e aluno – que, mediante sua injunção à inter-

pretação, (r)ex(s)istem na/pela língua. Em seu texto, José Simão da Silva Sobrinho (UFFS) tece uma reflexão sobre o ininteligível contestando as abordagens idealistas que excluem da ordem do inteligível as formulações não legitimadas pelo intelecto e pela razão. Nessa perspectiva, é no movimento da história – e não nas coisas em si – que vão sendo produzidas as condições materiais de produção de sentido, determinando ideologicamente o que é inteligível ou ininteligível. O autor empenha, nesse sentido, uma análise da narratividade instaurada nos painéis “As Grandes Famílias Linguísticas do Mundo” e “História da Língua Portuguesa – Linha do Tempo”, do Museu da Língua Portuguesa, e conclui que a representação de uma história coerente e sem equívocos sobre a língua oficial do Brasil é efeito do trabalho simbólico do funcionamento da ideologia e do inconsciente, o que impõe zonas de (in)inteligibilidade entre essa língua, a diversidade de ideais de língua e de línguas maternas dos sujeitos em seus gestos de interpretação. Por sua vez, o artigo de Luiz Francisco Dias (UFMG) nos apresenta uma abordagem de construções nominais em que o termo ininteligível comparece. Pautado na semântica da enunciação – e dando prosseguimento a seus trabalhos anteriores –, propõe o termo formação nominal (FN) como alternativa ao de sintagma nominal (SN), sustentando que os fatores de ordem enunciativa contribuem para uma explicação da constituição da unidade linguística em detrimento de uma explicação que prescinde de regularidades estruturais que subjazem às relações sintagmáticas. Deste modo, em vez de *estrutura*, essa proposta teórico-metodológica delinea a análise da *arquitetura* da FN com o termo ininteligível apontando uma injunção à materialidade enunciativa – negação, dissipação de identidade, desconformidade, dissonância – ao se constituir na relação entre memória e atualidade. Fechando a seção que tem o ininteligível como temática, Xoán Carlos Lagares (UFF) já nos lança, no início de seu texto, em uma reflexão sobre a incapacidade da linguística para conceituar e definir os limites das línguas. Nesse sentido, haveria, em toda tentativa empenhada para fazê-lo, uma circularidade de pressupostos cuja inteligibilidade só é possível a quem já tem o suposto saber; uma vez que ninguém sabe exatamente o que ela – a língua – é. Os pressupostos

linguísticos cruciais que engendram as definições de língua são, assim, apontados e discutidos pelo autor, ao ponto de ele poder concluir que as práticas linguísticas que não se identificam com a noção de Língua Nacional são destituídas de recursos políticos, de descrição e regulação. Xoán Lagares finaliza seu artigo indicando-nos o gesto político – a relação de identificação entre língua e Estado – que as práticas linguísticas empenham ao descrever e evidenciar uma língua ou ao confiná-la ao terreno do não ser (língua).

Finalmente, na seção que se volta para o “Imperceptível”, buscamos investigar os processos materiais subjacentes à produção de discursividades imagéticas. Em outras palavras, pretendemos descrever as condições de possibilidade, ou antes, as condições de produção de discursos imagéticos que resultam imperceptíveis ao olhar do sujeito espectador. Além disso, visamos à análise daquilo que permanece imperceptível porque é exterior ao que pode/deve ser visto pelos sujeitos. Com efeito, na ótica teórica da Análise de Discurso, em que a imagem é pensada como uma forma-material discursiva, o olhar pode ser definido como uma prática ou como um gesto que obedece a uma regularidade própria a determinada matriz de sentidos ideológica. Na sequência, em *Cinema, memória e favelas – uma pedagogia da realidade em dois momentos*, Lucia Ferreira (Unirio) aborda as narrativas urbanas e os sentidos formulados pelos sujeitos no que concerne aos espaços que os circundam e afetam. Ademais, com base em Indursky, a autora afirma que representações, narrativas e imagens são continuamente retomadas, repetidas e regularizadas e constituem-se em uma memória social. Dessa perspectiva, Ferreira empreende gestos de análise dos filmes *Cinco Vezes Favelas* e *5x Favela – Agora por nós mesmos*, pois estes ensinam pedagogias do olhar e funcionam como operadores de nossa memória. O imaginário que se organiza com base nessas janelas de que se olha, ofertadas (conferir expressão de Orlandi) por meio dos cânones realistas dos dois filmes, produzem a ilusão de mundo que tomamos como real. Justamente, essa formatação da própria percepção passa despercebida aos sujeitos que veem é, por conseguinte, da ordem do um ponto cego, imperceptível. Logo, em *Imagem*

tempo e o espectro do irrealizado: o descortinar do imperceptível, Maurício Beck (Uesc) primeiramente se indaga como o que não é visto é, mesmo assim, significado na ordem do imagético. Em seguida, avança por meio da compreensão dialética do funcionamento do dispositivo imagético, e este produz saturação e hipervisibilidade daquilo que é dado a ver, ao mesmo tempo que deixa imperceptível uma parte de suas condições de produção. Com base nessa concepção, o autor busca estabelecer um paralelo entre o funcionamento do imagético e seus efeitos de visibilidade/invisibilidade com o de ideologia e seus efeitos de reconhecimento/desconhecimento. E, nessa trilha teórica, Beck aborda a questão da interpelação do indivíduo em sujeito pelo discurso imagético e os modos de resistência-revolta que se desenham nas fronteiras do visível/invisível retraçadas em documentários de ocupações urbanas da cidade do Rio de Janeiro. A seguir, no seu texto *Fazer jornalismo, fazer história? Os 45 anos de “Veja”, o discurso jornalístico, o (im)perceptível*, Silmara Dela Silva (UFF) se pergunta sobre como poderíamos dar conta do que não se dá à percepção? Como mote para responder a essa indagação, a autora toma como objeto de investigação o discurso jornalístico, em específico uma edição comemorativa do semanário de informação *Veja* em que esta se apresenta “fazendo história” em suas reportagens selecionadas ao longo de 45 anos. Na perspectiva Dela Silva, os relatos jornalísticos da revista produzem efeitos de sentidos determinados por determinados posicionamentos sócio-históricos e ideológicos. E a análise apresentada de suas capas e de seus textos vão mostrar justamente que o imperceptível funciona pelo desconhecimento do jornalista de que sua prática é de ordem inelutavelmente interpretativa. Ou seja, o discurso de *Veja* diz narrar as notícias e fatos que fazem e fizeram história, e o que regularmente passa despercebido é que tais acontecimentos jornalísticos não têm existência fora dos gestos de interpretação da mídia. E, por fim, Suzy Lagazzi (Unicamp), em *O Significante em metáfora no movimento metonímico da falta*, se debruça sobre os pontos de impossível no perceptível, ou sobre o “despercebido porque se nega à percepção do sujeito” e, mais especificamente, do sujeito na contemporaneidade. Para avançar nesse estudo, Lagazzi remonta à análise do documentário *Boca de Lixo*. Nessa via, a analista do discurso

trabalha com a imagem como materialidade significativa e procede por uma deslinearização da imagem para a descrição de sua composição visual. Ademais, ressitando e mobilizando as noções de metáfora e metonímia, condensação e deslocamento, sujeito e sentido, Lagazzi se depara com o imperceptível pela alteridade e pela deriva em funcionamento na materialidade imagética do documentário. De modo que, em seu trabalho de deslinearização da imagem, a autora mostra que é no encontro com a memória que o imperceptível tende a se desdobrar no irrealizado e no alhures realizado, lançando questões ao sujeito contemporâneo.

Nosso livro apresenta trabalhos que se situam nas fronteiras da linguagem e nas fronteiras das teorias, em um movimento teórico e crítico que é o motor do gesto de interlocução sempre proposto pelo Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF), com seus professores, pós-doutorandos e convidados.